

## PROMOVENDO COMUNICAÇÃO EM UMA AULA DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Fernanda Magalhães Obelar (discente do curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro); Adriane Maia (discente do curso de Pedagogia) Cátia Figueiredo Walter (Docente do curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro); Carolina Rizzotto Schirmer (Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro) Leila Regina d'Oliveira de Paula Nunes (Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro).

**Temática:** Comunicação Alternativa e Ampliada.

### **Resumo:**

Esse trabalho foi realizado em uma Escola Especial, localizada no bairro Maracanã, em cumprimento às exigências parciais para a aprovação na disciplina Pesquisa e Prática Pedagógica V do curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, que aborda a temática da Educação Especial e Inclusiva. A proposta inicial do trabalho foi de acompanhar e observar as aulas de Educação Física dessa escola, no período da manhã às quartas-feiras, para a realização de uma atividade que incluísse os alunos e ao mesmo tempo auxiliasse a professora em suas aulas. Dessa forma, o trabalho teve como objetivo auxiliar na comunicação e interação da professora de Educação Física com os alunos, possibilitando assim, uma aula mais dinâmica. Para a realização da atividade, conversou-se um pouco com a professora de Educação Física para saber como são as aulas, o relacionamento dela com os alunos, as suas dificuldades, o que poderia ser feito para auxiliá-la. A partir do relato da mesma, foram confeccionados cartões pictográficos de Comunicação Alternativa para o atendimento desse objetivo. Devido à alguns problemas como faltas da professora, eventos relacionados à Copa do Mundo e aniversários dos alunos, não se conseguiu atingir o objetivo esperado. Entretanto, parcialmente, conseguiu-se alguns resultados importantes. Um questionamento que surge, a partir disso, é sobre a formação dos professores de Educação Física. Percebe-se que, assim como a formação de professores de outras áreas, os profissionais de Educação Física também não possuem uma formação adequada para trabalharem com a diversidade.

**Palavras-chave:** Comunicação; Educação física; Educação inclusiva.

## PROMOVENDO COMUNICAÇÃO EM UMA AULA DE EDUCAÇÃO FÍSICA

### **Introdução:**

Sabe-se que a inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais tem sido alvo de discussões e polêmicas, e que é de fato uma

realidade da Educação atual. A grande discussão dessa proposta tem sido com relação às adaptações necessárias para atender as necessidades desses alunos, auxiliando-os a estarem de fato incluídos, promovendo a participação dos mesmos nas atividades realizadas por toda a turma. Até porque se entende que *“uma escola ou turma considerada inclusiva precisa ser, mais do que um espaço para a convivência [...]”* (Glat e Blanco, 2007), não só a presença do aluno na escola, mas a realização por sua parte, das mesmas tarefas escolares que todos os alunos. Ao se pensar em inclusão, deve-se atentar para o ingresso, a permanência e a aprendizagem do aluno. (Glat e Blanco, 2007).

Segundo a Resolução CNE/CEB N° 2 de 2001, *“Os sistemas de ensino devem matricular a todos os alunos, cabendo às escolas organizar-se para o atendimento aos educandos com necessidades educacionais especiais, assegurando às condições necessárias para uma educação de qualidade para todos”* (Brasil, 2001, apud Glat e Blanco, 2007). Assim entende-se que a escola deve se preparar para receber esse alunado, contemplando adaptações físicas, curriculares e pedagógicas. Nesse caso, as escolas vão se adaptando – ou pelo menos deveriam – de acordo com as necessidades dos alunos. Já no caso de uma Escola Especial, pensa-se em uma escola que já é adequada a essas necessidades. Pela Lei, vê-se que a Educação Especial se caracteriza como *“um processo educacional definido por uma proposta pedagógica que assegure recursos e serviços educacionais especiais, organizados institucionalmente para apoiar, complementar, suplementar e, em alguns casos, substituir os serviços educacionais comuns [...]”* (Brasil, 2001, apud, Glat e Blanco, 2007).

Entende-se, portanto, que os recursos e as adaptações necessárias ao aprendizado e participação social do aluno dentro da escola, estão presentes no contexto de uma escola especial, servindo também como um apoio às escolas regulares que estão recebendo esse alunado. Porém o que se vê, de fato acontecendo, não é bem o que está escrito na teoria. Apesar das escolas especiais terem sim esses recursos, como salas adaptadas, recursos de acesso ao computador, recursos que permitam uma comunicação funcional entre alunos e professores, e até mesmo uma formação diferenciada por parte dos professores, com uma especialização voltada ao atendimento desse alunado,

muitas vezes o que se vê é que os profissionais não sabem fazer uso e muitas vezes nem conhecem as adaptações, apesar de “terem” essa formação. O que resulta no fato de que os alunos acabam não sendo atendidos de acordo com o que necessitam, pois se um aluno não oralizado não possui os instrumentos necessários para se comunicar de forma alternativa, sua relação com os demais e sua participação nas atividades educacionais propriamente ditas são prejudicadas, não sendo eficazes.

Essa questão da comunicação é um assunto importante, pois se sabe que a comunicação não se restringe à fala, estando ligada a *“comportamentos sinalizadores que ocorrem, na interação de duas ou mais pessoas e que proporcionam uma forma de criar significados entre elas”* (Bryen e Joyce, 1985, apud Nunes, 2003). Portanto, um balançar de cabeça, um apontar, uma expressão também são formas de comunicação. Dessa forma, existem recursos que privilegiam as diferentes maneiras que o indivíduo pode se comunicar, sendo caracterizados como recursos de Comunicação Alternativa, que é uma modalidade da Tecnologia Assistiva <sup>1</sup>, visando *“atender as pessoas sem fala ou escrita funcional ou em defasagem entre sua necessidade comunicativa e sua habilidade em falar e/ou escrever”* (Schirmer e Bersch, 2007). Ela tem por objetivo promover e suplementar a fala, garantindo assim, uma outra forma de comunicar. Mas é importante enfatizar que a idéia não é de substituir a fala e sim, contribuir para a promoção da mesma (Manzine e Deliberato, 2004).

Percebe-se, portanto, o porquê à atenção a esses recursos é pertinente, pois eles são a “voz” dessas pessoas, a forma que elas têm de demonstrar gostos, sentimentos, opiniões, assim como todo mundo, só que de um jeito próprio. Sem o uso de adaptações para se comunicar, provavelmente o que acontece é a adivinhação por parte das outras pessoas do que aquele indivíduo deseja, não sendo considerado o pensamento real da pessoa.

E assim, confirma a questão do prejuízo por parte do aluno, quanto a não valorização do seu modo de comunicar no espaço educacional. O que se percebe, é que uma das disciplinas onde essas adaptações são mais difíceis, é

---

<sup>1</sup> “Tecnologia Assistiva é uma expressão utilizada para identificar todo o arsenal de recursos e serviços que contribuem para proporcionar ou ampliar habilidades funcionais de pessoas com deficiência e, consequentemente, promover vida independente e inclusão.” (Bersch, 2007)

a Educação Física. Outras disciplinas como Matemática e Ciências, muitas das vezes acabem sendo mais fáceis do professor fazer uso de outros materiais, mesmo não sendo de fato, um recurso de Comunicação Alternativa. No caso da disciplina citada anteriormente, a grande questão é, como realizar o trabalho efetivamente, sem o uso adequado dos recursos de comunicação utilizados pelos alunos? Até mesmo, pela grande importância da disciplina no desenvolvimento deles, já que se configura como uma *“estrutura organizacional, se tratando como um todo, independente de ser Especial ou Regular, se constitui então, em uma grande área de adaptação ao permitir a participação de crianças e jovens em atividades físicas adequadas às suas possibilidades, proporcionando que sejam valorizados e se integrem num mesmo mundo”* (Cidade e Freitas, 2005, apud Marocco e Rezer, 2009).

Para tanto, é necessário levar em consideração às necessidades e habilidades dos alunos, como dito anteriormente, independente de ser uma aula de Educação Física em uma escola especial ou regular. O que engloba, efetivamente, a forma de comunicar do indivíduo. Se o aluno faz uso de um dos recursos da Comunicação Alternativa, cabe ao professor utilizar junto com os alunos, em suas aulas, já que a intenção é estar promovendo participação e integração inclusão como diz a citação anterior.

Segundo Oliveira, 2002, *“um dos papéis prioritário da Educação Física é a sociabilidade”*. Como confirma, De Marco, 1995 apud, Oliveira, 2002, *“O discurso globalizante da educação foi confirmado nesta questão ao apontarem a formação global do educando e a socialização como propósito específicos da educação física.”* Assim, como é possível trabalhar a sociabilidade do indivíduo, juntamente a sua formação, seu desenvolvimento, quando a comunicação entre alunos e professores não é funcional? Uma questão a se pensar e a ser revista, pois a interação entre os mesmos é fundamental para o cumprimento das funções escolares, principalmente quando se fala de uma escola especial, onde esse aluno deveria ser aceito e visto como ele é mesmo, não pela sua deficiência.

A partir dessas discussões, será apresentado um trabalho, realizado em uma escola especial, localizada no bairro Maracanã, em cumprimento às exigências parciais para a aprovação na disciplina Pesquisa e Prática

Pedagógica V do curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, que aborda a temática da Educação Especial e Inclusiva.

**Objetivo:**

A proposta inicial do trabalho foi de acompanhar e observar as aulas de Educação Física dessa escola, no período da manhã às quartas-feiras, a fim de auxiliar na comunicação e interação da professora com os alunos, através de recursos de Comunicação Alternativa, possibilitando, portanto, uma aula mais dinâmica e participativa.

**Metodologia:**

O trabalho partiu de uma manifestação da professora e interesse em aprender e ser mediada pelas graduandas, o qual ocorreu em uma apresentação dos trabalhos já realizados pelas alunas aos professores da escola, em um dia de Centro de Estudos. A partir disso as alunas conversaram com essa professora para saber como são as aulas, o relacionamento dela com os alunos, as suas dificuldades, o que poderia ser feito para auxiliá-la. De acordo com o que foi relatado por ela, as aulas são tranquilas, os alunos são participativos na medida em que jogam, gostam de brincar com bola, gostam muito de música, de dança, ou seja, aceitam e aparentam gostar das atividades propostas pela professora. Entretanto, não possuem uma comunicação onde eles informem o que querem fazer na aula, por exemplo, ou se estão gostando da atividade. Não possuem autonomia, sendo dependentes da professora que refere ter que adivinhar seus sentimentos e desejos.

Os alunos envolvidos no trabalho, são do turno da manhã, os quais participam da aula de Educação Física nesse período, às quartas-feiras. A turma é composta por cinco alunos, sendo dois com diagnóstico de autismo e os outros não tendo um diagnóstico fechado. Entretanto, o trabalho não se prende à auxiliar apenas essa turma, pretende-se, permitir que a professora possa fazer uso dos conhecimentos e materiais transmitidos à ela pelas alunas de graduação, com todas as suas turmas, tanto do período da manhã, quanto da tarde.

Durante a conversa a professora apresentou alguns questionamentos, um deles foi de não ter o conhecimento dos recursos de CAA. Não saber como

fazer uso dos mesmos. Ela disse que entende a importância de ter uma forma alternativa para se comunicar com seus alunos, pois, gostaria de saber o que estão sentindo, o que querem jogar, o que gostam da aula ou não, para dar mais dinâmica à aula e mais independência aos alunos. Ela conta ainda que, geralmente a comunicação entre eles se dá por gestos, mas não são todos os alunos que os utilizam e nem sempre é de uma maneira eficaz. Foi explicada à ela, portanto, a importância do uso da Comunicação Alternativa em sala de aula, mesmo sendo uma disciplina mais livre, como a Educação Física. Apresentou-se alguns materiais - anteriormente confeccionados pelas alunas para a escola, em outros trabalhos – como pranchas de comunicação, cartões pictográficos e livros adaptados, produzidos através de softwares de Comunicação Alternativa.

Assim, buscando atender uma solicitação da professora, e ainda, tendo intenção de ajudá-la a tornar a aula mais participativa e efetiva, foram confeccionados cartões com símbolos PCS, utilizado para sua confecção o *software* de Comunicação Alternativa, *Boardmaker*<sup>2</sup>. Sendo que estes foram selecionados a partir da seleção de vocabulário feita durante a conversa com a professora como, por exemplo: *jogar, educação física, corrida, posso jogar?, pegar, jogo de cartas, voleibol, parar, bola, futebol, basquete, xadrez, tênis, jogo de mesa, bicicleta, pular corda, pular, ganhar e perder*, e com o relação à questões mais sociais, como *quero conversar, eu quero, não quero, sim, não, beber, não gosto, gosto, descansar, ir ao banheiro, cansado, triste, alegre, chateado, estou com fome, dor, dor de ouvido, dor de cabeça, dor de estômago, dor de garganta, dor de barriga, dor de dente, estou com sono, abraçar, beijar, amigo, professora, dançar e cantar*.

Para a confecção dos cartões, foi observada a sala onde são realizadas as aulas de Educação Física, para fazer um levantamento dos materiais existentes para a realização das atividades, como bicicleta ergométrica, esteira, pula-pula, cesta de basquete, jogos de mesa como xadrez, entre outros. Como

---

<sup>2</sup> “O *Boardmaker* é um programa de computador que contém um banco de dados gráfico contendo os mais de 4.500 Símbolos de Comunicação Pictórica - PCS em Português Brasileiro.” (Fonte: [http://www.clik.com.br/mj\\_01.html#boardmaker](http://www.clik.com.br/mj_01.html#boardmaker), acesso em : 25/06/2010, às 13h e 15 min.)

alguns dos materiais não têm um símbolo gráfico PCS correspondente e como alguns alunos possuem deficiência intelectual optou-se por fotografias. Abaixo alguns dos materiais específicos da Educação Física. (Fotos 1, 2, 3,...)



Foto 1: Esteira e colchões.



Foto 2: Bicicletas Ergométricas



Foto 3: Rede de basquete.



Foto 4: Bolas, balanços e materiais emborrachados.



Pula-pula

Além desses recursos, a professora relatou a importância de cartões como *sair da cadeira*, *jogar com os pés* e *jogar com as mãos*, para atender à

algumas necessidades e habilidades dos alunos. Dessa forma, foram confeccionados também, os cartões solicitados.

Foi explicado á professora, também em um momento de conversa, que esses cartões devem ser utilizados durante a aula, para dar participação aos alunos, para que eles pudessem escolher os jogos ou outras atividades, conversarem com os colegas e com a professora, expressarem sentimentos, entre outras situações que ocorrem no cotidiano das aulas. Para tanto, deveriam ficar expostos aos alunos, na sala, para que esses pudessem ter acesso sempre que precisassem.

Outro ponto abordado com ela, foi a cerca do manuseio dos cartões, que iria se diferenciar conforme as potencialidades e dificuldades de cada aluno. Com aqueles que têm dificuldades motoras, por exemplo, ela deveria apresentar os cartões, segurando no campo visual do aluno e pedindo para o aluno olhar para o cartão desejado, ou emitir um som, caso seja possível, e outros alunos poderiam sim pegar o cartão e levar até ela ou a outro colega.

### **Resultados:**

Conseguimos os seguintes resultados:

Em um primeiro momento, no início das atividades, quando se propôs conhecer a sala e observar à aula, este último objetivo não foi realizado devido à falta da professora, entretanto foi possível conhecer à sala de Educação Física, através de uma outra professora da escola, e assim foram anotados e selecionados itens para a confecção dos recursos. Além disso, como as alunas já haviam produzido alguns cartões mais básicos com relação a uma aula de Educação Física, como *bola, jogar, futebol, basquete*, entre outros, conseguiu-se conversar com os alunos que estariam na aula naquele momento, a fim de saber o que eles fazem, o que gostam. Não foi muito eficaz, já que havia poucos cartões, mas num geral, os alunos responderam apontando ou pegando os cartões referentes a *jogar bola, futebol, vôlei e corrida* e também fizeram gestos e expressões mostrando jogar bola e dançar.

Devido a um evento realizado na escola sobre a Copa do Mundo, na semana seguinte ao dia relatado acima, não se conseguiu observar a aula e nem mediar o uso dos cartões, contudo, foi possível entregar os cartões à

professora, que demonstrou satisfação ao recebê-los e ainda sugeriu a confecção dos três cartões já citados, *sair da cadeira, jogar com os pés e jogar com as mãos*.

Na semana seguinte, houve na escola a comemoração dos aniversariantes do mês, não sendo novamente possível alcançar o objetivo de mediar o uso dos cartões na aula. Apesar disso, entregou-se à professora os cartões solicitados por ela, e conseguiu-se tirar fotos da sala com a ajuda da mesma, podendo conversar sobre o uso dos cartões. A professora relatou que ficou muito satisfeita com a atividade, e contou uma experiência com o uso dos cartões e os alunos naquela mesma semana – infelizmente não foi possível a presença das alunas nesse momento, já que aconteceu fora do horário combinado para o atendimento. Os cartões possibilitaram que a professora se comunicasse com os alunos e que os mesmos escolhessem o que queriam jogar, como o caso de uma aluna que disse à professora através dos cartões, que queria jogar basquete, tendo seu pedido atendido.

Assim, apesar das alunas de graduação não terem presenciado o uso desses cartões de comunicação, através do relato da professora, percebeu-se que o objetivo de certa forma foi sim atingido, já que possibilitou tornar a aula mais dinâmica e dar mais independência aos alunos.

## **Discussão e Conclusão**

Como foi visto, a professora não conseguia entender seus alunos, nem proporcioná-los uma aula onde eles pudessem participar, exprimir opiniões, escolher o que gostariam de fazer na aula. Não tinha o conhecimento de adaptações, de recursos que poderia estar utilizando, para proporcionar essa interação e participação nas aulas, como os cartões pictográficos confeccionados pelas graduandas. Desconhecia o uso da Comunicação Alternativa e do quão favorável ela é, apesar da escola possuir softwares como o Boardmaker, utilizado para confeccionar pranchas e cartões e de alguns alunos da escola serem usuários desses recursos.

A partir do trabalho feito em parceria com a Universidade do Estado do Rio de Janeiro, é que a professora teve acesso aos recursos, o que já foi discutido por Rodrigues, 2008, “*O apoio educativo para a inclusão de alunos*

*em aulas de Educação Física, quando existe, é dado em termos genéricos por docentes que não são da área disciplinar [...]”.* No caso do trabalho, esse apoio se deu pelas alunas do curso de Pedagogia da UERJ, devido à um trabalho das mesmas, não sendo uma atitude da escola até o momento.

Também se reflete acerca da atitude da professora, como se pode ver no estudo de Rodrigues (2008) que diz que as atitudes dos professores com relação à inclusão desses alunos, apresentam mais atitudes negativas do que positivas, e que dependem muito mais da deficiência que o aluno apresenta do que com relação à própria disciplina. Com relação à essa professora, viu-se muita boa vontade em aprender, em conhecer os recursos. Com os cartões já confeccionados, observamos que a mesma ficou muito empolgada, perguntando até se não haveria a possibilidade de ter contato com os programas que são utilizados para a produção dos recursos. Então, constatamos que apesar da professora não saber, não ter o conhecimento adequado para estar atendendo às necessidades comunicativas de seus alunos, a mesma buscou ajuda e mudou um pouco sua forma de dar aula, utilizando a partir de então, os cartões de comunicação.

Um questionamento que surge, a partir disso, é sobre a formação dos professores de Educação Física. Percebe-se que, assim como a formação de professores de outras áreas, os profissionais de Educação Física também não possuem uma formação adequada para trabalharem com a diversidade. Rodrigues (2008), em um estudo sobre a formação de professores de Portugal, fala que *“a maioria dos cursos existentes em Portugal não proporciona qualquer formação neste âmbito das Necessidades Educacionais Especiais aos seus futuros licenciados”*. Refletindo, portanto sobre essa questão, percebe-se que o Brasil não se diferencia muito acerca da formação de professores, já que a professora citada não sabia solucionar o problema da comunicação com seus alunos, provavelmente por não ter recebido uma capacitação adequada. *“Nesse sentido a formação continuada do professor constitui um dos elementos essenciais em uma escola inclusiva”* (Nunes, 2009), e não só em uma escola inclusiva, mas sim em todo e qualquer espaço educacional.

#### **Referências Bibliográficas:**

GLAT, R.; BLANCO, L. M. V. Educação Especial no contexto de uma Educação Inclusiva. In: GLAT, R. (Orgs.). *Educação inclusiva: cultura e cotidiano escolar*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2007.

MANZINI, E.J.; DELIBERATO, D. *Portal de ajudas técnicas para a educação: equipamento e material pedagógico especial para a educação, capacitação e recreação da pessoa com deficiência física: Recursos para comunicação alternativa*. Secretaria de Educação Especial – Brasília: ABPEE – Mec: SEESP, 2004.

MAROCCO, V.; REZER, C. R. *Educação Física e Autismo: Possibilidades de intervenção pedagógica mediada pelo Currículo Funcional Natural*. 2009. Anais do XVI Congresso brasileira de Ciências do esporte e III Congresso Internacional de Ciências do esporte. Salvador, 2009. Disponível em: <http://www.rbceonline.org.br/congressos/index.php/CONBRACE/XVI/paper/view/File/1262/651>. Acesso em: 22 de junho de 2010.

NUNES, L.R. Linguagem e Comunicação Alternativa: Uma Introdução. In: NUNES, L.R. (Org.). *Favorecendo o desenvolvimento da comunicação em crianças e jovens com necessidades educacionais especiais*. Rio de Janeiro: Dunya, 2003. (p. 3-13).

NUNES, L.R. *Tecnologia Assistiva para a inclusão comunicativa de alunos com deficiência: Formação continuada de professores*. Projeto de pesquisa financiado pela Faperj. 2009.

OLIVEIRA, F. F. de. *Dialogando sobre a educação, educação física e inclusão escolar*. Revista Digital, Buenos Aires, agosto de 2002. Disponível em: <http://www.efdeportes.com>. Acesso em: 22 de junho de 2010.

RODRIGUES, D. *A Educação Física perante a Educação Inclusiva: reflexões conceituais e metodológicas*. Boletim da Sociedade Portuguesa de Educação

Física, 2008. Disponível em: [http:// www.rc.unesp.br](http://www.rc.unesp.br). Acesso em: 22 de junho de 2010.

SCHIRMER, C.R.; BERSCH, R. Comunicação Aumentativa e Alternativa – CAA. In: SCHIRMER, C.R.; BROWNING, R.; BERSCH, R.; MACHADO, R. (Orgs.). *Atendimento Educacional Especializado – Deficiência Física*. São Paulo: MEC/SEESP, 2007. (p. 57-83).

[http://www.clik.com.br/mj\\_01.html#boardmaker](http://www.clik.com.br/mj_01.html#boardmaker), Acesso em : 25/06/2010.